

4

Metodologia

Para a pesquisa de campo foi utilizada uma metodologia qualitativa (Bardin, 1979; Turato, 2003; Nicolaci-da-Costa, 1994, 1989) de análise de conteúdo (Seidman, 1998; Weiss, 1995). Mais especificamente, foi utilizada a técnica denominada Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin.

A escolha por trabalhar com a metodologia qualitativa foi devida, principalmente, a dois fatores: o primeiro porque dá ênfase aos aspectos subjetivos do comportamento humano e tem, por núcleo de atenção, o mundo dos participantes. Dessa forma, levam-se em consideração não somente as experiências cotidianas de cada professor, mas especialmente os significados atribuídos a elas.

Complementando essa justificativa, há, como segundo aspecto, o fato de que nossa realidade é constituída pelo sentido que as pessoas atribuem aos acontecimentos nas interações sociais. Dessa forma, a metodologia qualitativa permite a investigação de sentimentos, opiniões e conflitos dos participantes em profundidade e com maior singularidade em relação às possíveis transformações subjetivas na atualidade.

A abordagem qualitativa possibilita, entre outras características, a compreensão e a interpretação de um fenômeno psicossocial, possibilitando ao pesquisador uma maior inserção no significado que outras pessoas dão às suas práticas. Em outras palavras, essa abordagem metodológica permite uma investigação muito mais no sentido do desafio, de explorar pensamentos, sentimentos e possíveis comportamentos dos sujeitos, do que dar uma resposta fechada, numa tentativa de descrever o perfil dos professores na atualidade.

Assim, acreditamos que, pelas significações que os sujeitos atribuem a determinado aspecto de sua vida, pode-se chegar a indicativos de seus modos de funcionamento subjetivo.

A pesquisa foi desenvolvida pautada em duas dimensões: a teórica e a pesquisa de campo. A primeira se fundamenta nas pressuposições levantadas por cientistas sociais, autores que vêm se debruçando sobre o tema para dar um

sentido mais amplo das transformações sociais que estão acontecendo principalmente no trabalho e no mundo de modo geral. Na pesquisa de campo, foram aplicadas entrevistas face a face, semi-estruturadas, (roteiro, ver em anexo) nas quais os professores de ensino superior puderam expressar não somente suas práticas atuais como docentes de instituições de Ensino Superior, mas também como eles estão vivenciando e percebendo as mudanças que ocorreram no seu campo de trabalho na transição de um “mundo analógico” para um “mundo digital”.

O modo que utilizamos para alcançar essas falas se deu através de entrevistas, neste caso, com professores de ensino superior. Tal procedimento será melhor delineado no item 4.1.3.

4.1

Procedimentos Metodológicos: Como foi organizada a fala dos professores

Neste capítulo apresentaremos, passo a passo, a pesquisa de campo que realizamos. Primeiramente apresentaremos os objetivos e, em seguida, passaremos à apresentação dos participantes que foram recrutados, do instrumento utilizado para a coleta de dados, dos procedimentos empregados e de como foi efetuada a análise do material.

4.1.1

Objetivos

A revisão de literatura que investiga o cotidiano profissional dos professores de ensino superior mostra que, não em sua maioria, mas em sua grande parte, os pesquisadores dedicam seus esforços à compreensão de questões relacionadas às práticas docentes, à relação professor aluno e ao processo ensino-aprendizagem. Embora alguns destes estudos levantem questões sobre o uso das novas tecnologias digitais, há uma maior incidência de estudos preocupados com o desenvolvimento e com a utilização dessas novas tecnologias pelos professores do que como os mesmos estão lidando emocionalmente com elas.

Tendo essa realidade como referência e levando em consideração as singularidades da carreira docente no ensino superior, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, como já foi dito anteriormente, com o objetivo de investigar como os professores estão lidando com a inserção da *Internet* e do computador no seu cotidiano de trabalho.

Procuramos, a partir do discurso dos professores, investigar a percepção que eles têm em relação à inserção dos novos recursos tecnológicos, bem como os sentimentos envolvidos nessa relação, ou seja, quais efeitos as novas tecnologias digitais, como o computador, estão produzindo no cotidiano de trabalho e como os professores os estão enfrentando.

4.1.2

Participantes

A fim de desenvolver a presente pesquisa, foram selecionados dez professores de Ensino Superior Privado da cidade do Rio de Janeiro. A escolha por um método qualitativo de investigação, especificamente análise de conteúdo desenvolvida por Bardin, 1979, envolve uma renúncia a um número ambicioso de sujeitos, considerando que o processo inteiro da pesquisa qualitativa envolve muito tempo e seria inviável trabalhar com um número elevado de professores.

Isso porque, além do material obtido com cada sujeito ser bastante volumoso, o trabalho do pesquisador qualitativo é, de certa forma, artesanal, pois não há como os resultados serem analisados por meios de computadores ou outros recursos tecnológicos, o que é até interessante, uma pesquisa sobre os efeitos do computador não ter como meio de análise de dados o próprio computador.

Algumas características dos participantes da pesquisa foram importantes para uma delimitação mais homogênea da amostra que serão apresentados em seguida.

Os professores entrevistados lecionavam nos cursos das áreas de ciências humanas, sociais e exatas, exceto da área Informática, pois partiu-se do princípio que, devido à formação acadêmica ter sido nessa área, o professor certamente mostraria uma maior habilidade no manuseio do computador. A maior parte dos entrevistados tinha, em média, 15 anos de experiência docente, pois com essa vivência, o professor supostamente apresentaria maior “facilidade” de fazer o

contraponto entre o seu trabalho antes e depois da inserção das NTI's (novas tecnologias da informação) ou simplesmente do computador em seu trabalho. Foi determinado que os professores já utilizassem o computador há pelo menos cinco anos, pois assim, já teriam passado - ou alguns ainda estariam passando - pelo processo de "adaptação" no uso do computador, o que eliminaria uma imagem mitificada do mesmo. O uso do computador, no entanto, não precisa estar exclusivamente ligado ao uso com seus alunos ou a alguma ferramenta (*software*) específica, pois o que foi investigado foram os efeitos dessa tecnologia no trabalho docente, sendo este realizado na universidade ou em sua própria residência.

Foram entrevistados dez professores brasileiros de uma instituição de ensino superior privada, usuários "pesados"⁹ de computador e *Internet*. Por motivos éticos não será divulgado o nome da instituição onde os referidos professores lecionam. Nesta mesma universidade, existem três regimes de trabalho: regime integral (40h), regime parcial (30h) e horista.

A amostra foi composta por três professores do sexo feminino e sete do sexo masculino na faixa etária entre 45 a 65 anos.

No que diz respeito à área de atuação profissional, a distribuição se deu da seguinte forma: seis professores têm, atualmente, como única fonte de renda a docência no ensino superior, sendo que lecionam nas disciplinas de: Filosofia, Física, Matemática, Pedagogia, Direito e Biologia. Os outros quatro professores dedicam-se, além da docência, a trabalhos referentes à sua formação. As disciplinas lecionadas por estes são: Estatística, Engenharia de Produção, Engenharia Química e Matemática.

Em relação ao tempo de experiência docente no Ensino Superior, a média foi de dezesseis anos e sete meses distribuídos da seguinte forma: um professor com sete anos, três professores com quinze anos, um professor com dezoito anos, três professores com vinte anos, um professor com vinte e três e um professor com trinta e cinco anos de atividade docente.

Grande parte dos professores usa o computador desde 1990 e a *Internet* desde 1995. O acesso aos computadores da universidade se dá de forma restrita

⁹ Nicolaci-da-Costa (2002) em seu artigo: "Internet: A negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal: a qual dar crédito?", identifica como usuários "pesados" pessoas que se conectam diariamente à Rede durante no mínimo duas horas de seu tempo de lazer.

visto que as cinco máquinas disponíveis na sala do professores são divididas, ou melhor, “disputadas”, por professores de toda a universidade.

Outras informações relevantes para o estudo merecem ser citadas, pois já fazem parte do universo de tais professores: todos têm computadores pessoais em casa e cinco deles já tem notebooks adquiridos pelos próprios; dois professores já foram Tutores e Monitores do EAD (Ensino à Distância) e outros dois, além de terem, desenvolveram sua própria *homepage*, onde disponibilizam para seus alunos material de aula vinculado a cada disciplina que lecionam, links para outros sites relacionados à disciplina, entre outras informações.

A fim de que o procedimento tenha uma maior isenção e desinibição entre o pesquisador e o entrevistado, foram entrevistados professores que não tinham conosco envolvimento pessoal.

4.1.3

Procedimentos

A princípio, pensamos em fazer as entrevistas através de e-mail, já que a pesquisa aborda, além dos possíveis efeitos, também os usos que os professores fazem do computador e da *Internet*. Chegamos a enviar, com o objetivo experimental, dois questionários a dois professores, para que eles respondessem e nos dessem dicas e sugestões, mas suas respostas foram tão “econômicas” que achamos por bem dar continuidade ao modo tradicional face a face, sugerido por Bardin, 1979. Este fator foi essencial e determinante para a decisão de continuar a pesquisa pelo método mais tradicional.

Dessa forma, o mesmo roteiro foi usado para entrevistar os professores pessoalmente e essa foi mais uma etapa que reforçou a eficiência da entrevista face a face. Os primeiros três professores entrevistados contribuíram significativamente para a construção final do roteiro de entrevistas, pois eles mencionavam assuntos que, realmente, tocavam-nos e faziam parte da realidade do seu cotidiano de trabalho.

Realizada essa etapa, chegou-se à versão final do roteiro que se encontra em anexo.

Na verdade, o roteiro é simplesmente um guia. Ele é composto de itens a serem abordados nas entrevistas e não de perguntas previamente estabelecidas

para se garantir a naturalidade das entrevistas. Esses itens são, de preferência, abertos, ou seja, não levam a respostas fechadas como “sim” e “não”. Eventualmente, quando necessário, acrescentamos, no momento da entrevista, perguntas de esclarecimento aos sujeitos, tais como “por quê?”; “como isso aconteceu?”, “poderia dar um exemplo dessa situação?”, etc. Essas perguntas, além de servirem para enriquecer o material da entrevista, ajudaram a dar fluência e naturalidade à entrevista. Tal naturalidade foi extremamente importante porque, aos olhos dos sujeitos, a entrevista deveria parecer um bate-papo informal. Ao se criar uma situação de entrevista semelhante a um bate-papo, o sujeito pôde ficar à vontade para expressar suas reflexões sobre o tema a ser investigado. Ainda, a fim de tornar a entrevista o mais informal possível para o sujeito, deixamos que este opinasse sobre o local onde seria realizada a entrevista. O único pré-requisito para a execução da entrevista foi a de que não fosse realizada em ambiente com ruído, o que poderia prejudicar o entendimento da entrevista, na transcrição e posterior interpretação.

Escolhemos realizar entrevistas, em primeiro lugar, porque elas permitem que o sujeito fale livremente sobre o tema investigado. Em segundo lugar, o entrevistador também tem liberdade para, junto ao sujeito, aprofundar o tema da entrevista o quanto e quando achar adequado, o que a experiência mediada pela *Internet* mencionada acima não proporcionou. Obviamente a *Internet*, com todos os seus recursos *online*, pode viabilizar este tipo de contato, mas preferimos deixar esta experiência para um momento seguinte, estabelecendo assim, um processo gradativo de alteração metodológica em pesquisas posteriores.

As entrevistas foram gravadas e, para realizá-las adequadamente, construímos um roteiro com itens relevantes a serem abordados. O roteiro é importante porque a metodologia qualitativa propõe que se faça uma análise comparativa entre as falas dos sujeitos (análise intersujeitos). Para haver esse tipo de comparação pretendida, é necessário, portanto, um “solo” comum entre as entrevistas e este solo é o roteiro. Isso não significa, todavia, que este roteiro seja uma espécie de “questionário falado”.

4.1.4

Análise do material

Terminadas todas as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra. De posse desse material escrito, começamos a análise de discurso propriamente dita. Primeiramente comparamos as repostas de todos os sujeitos para cada item do roteiro, ou seja, comparamos as respostas que os sujeitos deram para o primeiro item do roteiro, depois para o segundo, e assim sucessivamente. A partir dessa etapa, que é chamada de inter-sujeitos, foi possível agrupar em categorias o que é semelhante e recorrente na fala desses sujeitos. Após essa etapa, vem a análise intra-sujeitos.

Nessa fase, cada entrevista foi analisada separadamente, a fim de buscar possíveis inconsistências e contradições no discurso dos sujeitos. Se alguma inconsistência ou contradição fosse encontrada em uma entrevista, procurávamos verificar se tratava-se de uma idiossincrasia e se poderia ser observado no discurso dos demais sujeitos. Assim, voltava-se a uma comparação inter-sujeitos. Essas duas etapas foram repetidas sucessivamente até que se completasse a análise do material.

O que consideramos relevante neste tipo de análise de discurso é a proposta de que as categorias de análise surgiram do próprio discurso dos sujeitos e não da construção de categorias prévias em que as falas dos sujeitos possam ser encaixadas. Nesse método há, portanto, sempre a possibilidade da surpresa, pois há espaço para que questões que sequer foram imaginadas pelo pesquisador viessem à tona.